UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO: PRÁTICAS PEDAGÓGICAS INTERDISCIPLINARES

MARIA DE JESUS DUTRA DE OLIVEIRA

O ESPAÇO DA LEITURA NO ENSINO FUNDAMENTAL: perspectivas e práticas

CATOLÉ DO ROCHA-PB
2014

MARIA DE JESUS DUTRA DE OLIVEIRA

O ESPAÇO DA LEITURA NO ENSINO FUNDAMENTAL: perspectivas e práticas

Monografia apresentada ao Curso de Especialização Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares da Universidade Estadual da Paraíba, em convênio com Escola de Serviço Público da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de especialista.

Orientadora: Profa. Ms. Maria Fernandes de Andrade Praxedes

CATOLÉ DO ROCHA – PB
2014

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

O48e Oliveira, Maria de Jesus Dutra de
O espaço da leitura no ensino fundamental [manuscrito] : perspectivas e práticas / Maria de Jesus Dutra de Oliveira. - 2014.
47 p.

Digitado.
Monografia (Especialização em Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares) - Universidade Estadual da Paraíba, Pró-Reitoria de Ensino Médio, Técnico e Educação à Distância, 2014.
"Orientação: Profa. Ma. Maria Fernandes de Andrade Praxedes, Departamento de Letras".

1. Leitura. 2. Ensino-aprendizagem. 3. Escola. 4. Professor. I. Título.

21. ed. CDD 372.4

MARIA DE JESUS DUTRA DE OLIVEIRA

O ESPAÇO DA LEITURA NO ENSINO FUNDAMENTAL: perspectivas e práticas

Monografia apresentada ao Curso de Especialização Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares da Universidade Estadual da Paraíba, em convênio com Escola de Serviço Público da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do título de especialista.

Aprovada em 26 / 05 /2014

BANCA EXAMINADORA

Maria Fernandes de Andrade Praxedes

Profa. Ma. Maria Fernandes de Andrade Praxedes
Orientadora – UEPB/Campus IV

Profº Me. Rômulo César de Araújo Lima
Examinador (a) – UEPB/Campus IV

Francineide Pereira Silva

Profa. Ma. Francineide Pereira Silva
Examinador (a) – UEPB/Campus IV

DEDICATÓRIA

A minha amada família, DEDICO.

AGRADECIMENTOS

Ao maior Mestre, que me deu força e perseverança para chegar ao fim de mais uma batalha: Deus.

À minha família, expresso meu agradecimento a Deus por vocês existirem, razão maior para manter o meu esforço na busca constante dos meus objetivos.

Destaco a minha gratidão toda especial à Universidade Estadual da Paraíba, que nos deu a oportunidade para a conclusão desse trabalho, que para todos nós era algo muito almejado.

Ao coordenador Rômulo, pelo seu desempenho e dedicação, quando muitas vezes nos incentivou a não desistir dos sonhos.

Aos professores, do referido Curso de Especialização, a minha sincera gratidão àqueles que dividiram conosco seus conhecimento, tempo e dedicação.

À minha orientadora, Maria Fernandes, por seu compromisso, competência e disponibilidade em me receber, mostrando que, embora cansativa, a pesquisa científica é sempre compensatória. Destaco ainda, a sua sutileza ao fazer as correções e, sempre que possível, encorajando-me a fazer melhor.

A todos os meus colegas, em especial Francilian Nobre, pela força e motivação dada durante todo o curso. Onde juntas formamos um forte laço de afetividade ao longo desta jornada, na qual almejamos os mesmos sonhos.

Aos alunos da minha interiorana cidade, Brejo do Cruz, pela participação e empenho na realização das atividades propostas e aos seus responsáveis, que cederam a escola e o seu tempo para a realização desse trabalho.

Enfim, agradeço a todos que, de uma forma ou de outra, contribuíram para a conclusão desse trabalho.

Ninguém ignora tudo. Ninguém sabe tudo. Todos nós sabemos alguma coisa. Todos nós ignoramos alguma coisa. Por isso aprendemos sempre.

Paulo Freire

RESUMO

Este estudo se configura em uma pesquisa bibliográfica como também em um estudo de campo dada à natureza das observações, entrevistas e análises de dados sobre concepções e ensino de leitura de alunos e professor do 5º ano da Escola Municipal Terezinha Garcia Pereira na cidade de Brejo do Cruz, Paraíba, cujo objetivo é discutir a formação de alunos leitores a partir de uma reflexão das práticas de ensino de leitura no ensino fundamental. Deste modo, compreende-se que a escola é um espaço de aprendizagem, valorização e consolidação dos processos de leitura, visto que é a responsável pela prática pedagógica e o desenvolvimento de estratégias que consigam dar conta da elaboração de um ensino de leitura eficaz. Para isto, foi preciso perceber e refletir sobre as forma de como esse ensino se consolida e contribui para a formação do leitor. O trabalho também buscou fazer uma referência aos sentidos da leitura, da escrita e da oralidade fazendo um paralelo com a importância do professor no desenvolvimento da aquisição dessas competências linguísticas. Para isso buscou-se reforço teórico nos estudos de Gontijo (2011); Jouve (2002); Gagliari (1999) e Freire (1989) a fim de subsidiar o entendimento acerca da instrumentalização da leitura como prática diária nas escolas. Espera-se ampliar as discussões no que concerne os processos e práticas de leitura na escola.

PALAVRAS-CHAVE: Leitura, Ensino-aprendizagem, Escola, Professor.

ABSTRACT

This study sets up on a literature review as well as in a field study given the nature of the observations, interviews and analysis of data on conceptions and teaching reading to students and teachers in the 5th year of the Municipal School Therese Garcia Pereira in the city of Heath's Cruz, Paraíba, whose aim is to discuss the formation of readers from students reflection of the practices of teaching reading in elementary school. Thus, it is understood that the school is a learning space, valuation and consolidation of the reading process, since it is responsible for pedagogical practice and the development of strategies that can account for the development of an effective reading instruction. To do that, we need to realize and reflect on how this form of learning is consolidated and contributes to the formation of the reader. The study also sought to make a reference to the senses of reading, writing and speaking skills by drawing a parallel with the importance of the teacher in the development of acquiring these language skills. For this we sought to strengthen the theoretical studies Gontijo (2011); Jouve (2002); Gagliari (1999) and Freire (1989) in order to aid the understanding of the instrumentalization of reading as a daily practice in schools. Expected to broaden the discussion regarding the processes and practices of reading in school.

KEYWORDS: Reading, Teaching and Learning, School Teacher.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....9

1. LINGUAGENS E INTERAÇÕES: concepções teóricas.....12

1.1 As formas de linguagem.....13

1.2 A oralidade.....15

1.3 A escrita.....19

1.4 A leitura.....22

2. LEITURA, ESCRITA E ENSINO.....26

2.1 Leitura e escrita no Ensino Fundamental.....28

2.2 Leitura e métodos de recepção.....32

3. CONCEPÇÕES E PRÁTICAS DE LEITURA: um olhar para uma turma de 5º ano do Ensino Fundamental.....35

CONSIDERAÇÕES FINAIS.....41

REFERÊNCIAS.....43

APÊNDICE 45

INTRODUÇÃO

A leitura é uma prática que contribui para desencadear uma série de benefícios na vida dos sujeitos na medida em que contribui para a ampliação dos conhecimentos dos mesmos e para a consolidação dos saberes essenciais à convivência na sociedade, de modo que se faz necessário que seja uma prática presente na vivência dos alunos desde seus primeiros contatos com o ambiente escolar.

O ato de ler encerra em si a interação do indivíduo com o mundo, favorecendo um ambiente de compreensão que ocasiona a expansão do conhecimento, fazendo do leitor alguém dotado de capacidades. É um aspecto

que descortina uma necessidade social, pois a sociedade letrada exige dos sujeitos níveis cada vez mais altos de entendimentos e interpretações.

Desse modo, é possível entender que a formação do leitor é tarefa indispensável no espaço escolar na medida que é na escola que os indivíduos tomam contato com o saber institucionalizado e passam a ser inseridos no universo de letramento e de escrita.

Partindo desse entendimento, esta monografia tem como universo de pesquisa o ensino da leitura no 5º ano do ensino fundamental da Escola Municipal Professora Terezinha Garcia Pereira na cidade de Brejo do Cruz – PB. A escolha dessa série se deu por ser o 5º ano um momento de transição para o aluno que vem do ensino infantil e portanto, já deve dominar elementos básicos de escrita e de leitura, tendo na 2ª fase do fundamental a oportunidade de ampliar o processo de aquisição das competências lingüísticas , o que implica um maior cuidado por parte da ação pedagógica do professor de língua portuguesa.

É papel da escola transmitir ao aluno o conhecimento a respeito da importância da leitura e é função do professor ser o mediador nesse processo de ensino e aprendizagem, o que leva ao entendimento de que são necessárias várias estratégias de aquisição e apreensão da leitura não só como decodificação de signos, mas como processo de interpretação e interação.

Dentro desse aspecto, é importante destacar que o ato de ler precisa levar o aluno à compreensão do texto lido, para que a partir daí seja capaz de

construir significados e outros textos. Portanto, para a elaboração deste trabalho, atentou-se para o estudo de teóricos que evidenciam a importância da leitura, da oralidade e da escrita para a formação das competências linguísticas dos sujeitos sendo eles: Matta (2009); Gagliari(1999); Yunes (1995); Freire (1989); Gontijo(2011) e Jouve (2002) dentre outros. A metodologia utilizada foi a pesquisa de campo, com entrevistas aplicadas para os alunos e para a professora a fim de fazer um paralelo entre a prática pedagógica utilizada e a percepção dos discentes na aquisição da leitura.

A presente monografia estruturou-se em três capítulos assim denominados: Linguagens e interações: concepções teóricas; Leitura, escrita e ensino e o último discorre sobre a análise e resultado dos dados coletados.

No primeiro capítulo, procurou-se analisar a importância das competências lingüísticas para o aperfeiçoamento da escrita da leitura e da oralidade numa perspectiva mais teórica a fim de oportunizar ao leitor um panorama mais completo acerca da importância desses aspectos para a formação do sujeito leitor, uma vez que o processo de leitura proporciona o acesso a todas as formas de interação entre as linguagens e portanto, nenhuma pode ser negligenciada pela prática pedagógica.

O segundo capítulo abre a discussão sobre como o ensino da leitura e da escrita deve ser estruturado no sentido de formar leitores críticos e reflexivos. Para isso, discorre acerca das metodologias a serem empregadas no sentido de dar conta das especificidades que o assunto encerra. Dentro desse contexto são apresentadas algumas orientações presentes nos Parâmetros Curriculares Nacionais (1997), importante documento que norteia a prática pedagógica do ensino brasileiro e traz contribuições significativas para a compreensão do processo de ensino-aprendizado da leitura.

No terceiro e último capítulo, procurou-se entender através da análise dos questionários aplicados, como o trabalho com a leitura se dá na realidade observada. Nesse momento, foi fundamental estabelecer uma relação entre as teorias descritas e o que se observou para que a leitura dos dados pudesse fornecer subsídios ao entendimento acerca do ensino de leitura enquanto processo de formação crítica.

Assim sendo, o presente estudo se justifica na tentativa de relacionar teoria e prática na busca de um conhecimento que possa ocasionar a

discussão sobre a qualidade que o ensino de língua deve alcançar, elegendo a leitura como principal eixo integralizador do aluno na sua formação cidadã e indicando a prática pedagógica como principal responsável por esse aspecto.

1. LINGUAGENS E INTERAÇÕES: concepções teóricas

Entender como a linguagem se organiza é fator primordial para a percepção de sua importância no contexto das transformações sociais, o domínio das estruturas lingüísticas faz com que os sujeitos consigam interagir com o mundo ao qual estão inseridos e favorece a construção de múltiplos discursos.

Nesse sentido, é possível entender que o uso da língua é um ato social que abrange toda uma carga simbólica na medida em que direciona os sentidos da comunicação e tenta estabelecer a expressão do pensamento. Refletindo sobre esse aspecto, Matta (2009, p. 15) destaca que:

> A linguagem é instrumento de comunicação: por meio dessa concepção, a língua é vista apenas como um código (conjunto de signos que se combinam de acordo com regras) e que possibilita a transmissão ao receptor de uma determinada mensagem (informações). Há apenas uma possibilidade de entender a mensagem. Assim, o que se diz fala por si e cabe ao receptor (destinatário) entender e assimilar.

Esse pensamento leva ao entendimento de que a linguagem está presente em todas as fases evolutivas do ser humano e é por meio dela que eles interagem no mundo e com o outro, tornando-se seres sociáveis. No processo evolutivo do ser humano as concepções de linguagem foram sendo formuladas: a concepção da linguagem como forma de expressão do pensamento; a linguagem como instrumento de comunicação; a linguagem como forma de interação. E todas essas concepções convergem para o entendimento de que o uso da língua é um aspecto social pertinente nos processos de reafirmação dos indivíduos enquanto seres pensantes.

Assim sendo, é interessante afirmar que a linguagem é algo vivo e que está em constante mutação. As línguas vivem uma grande variação, que expressa as diversidades culturais e contribui para que os sujeitos interajam com o meio estabelecendo relações que contribuem tanto para a emancipação quanto para o domínio social.

Refletindo sobre essa questão Alves (2001, p. 3) destaca que:

> A linguagem é um dos principais instrumentos de ação e de práticas sociais formadora do mundo cultural, pois ela traz em si a construção e a expressão do conhecimento, os valores e as normas de conduta que norteiam a vida do indivíduo em sociedade. Através desse sistema simbólico, podemos julgar, defender, condenar, ocultar, argumentar, enfim, expressar ideias e sentimentos.

De fato, é inconcebível perceber o mundo moderno sem o uso das linguagens, pois a sociedade pós-moderna exige cada vez mais a comunicação e interação entre os seres, fatos esses consolidados através do uso das variadas formas comunicacionais permeadas pela linguagem.

Para entender esse processo e o uso da língua enquanto objeto de interação social, se faz necessário entender como as definições desse aspecto reafirmam a importância da linguagem na sociedade contemporânea uma vez que este uso é um trabalho social e histórico do sujeito com o outro e para o outro propiciando assim o surgimento das mais variadas tentativas de conceber o conceito de linguagem.

1.1 As formas de linguagens

A língua passa constantemente por mudanças, pois sendo um aspecto social acompanha as variações que os sujeitos desenvolvem na interação entre outros sujeitos e o mundo que o cerca. Esta realidade se configura nas especificidades que constituem as mais variadas formas de linguagens e, conseqüentemente, os mais variados discursos.

A língua é um fenômeno social porque apreende múltiplas formas de constituição dependendo dos atores nela envolvidos, cada situação requer uma modalidade de discurso e de linguagem, esse aspecto contribui para a concepção de que a comunicação se estabelece mediante uma seqüência de fatores lingüísticos específicos, o que concorre para o entendimento de que a linguagem é um instrumento de comunicação múltiplo, funcional e contextualizado.

Dessa forma, é interessante observar que a linguagem verbal é uma habilidade inata do ser humano. Todos os indivíduos, independentes de qual comunidade pertençam, fazem uso da língua, dominam seus códigos e se

comunicam. Esse uso está guiado por normas sociais onde os usuários assumem diferentes papéis dependendo da situação e, a partir desse aspecto, a linguagem humana é considerada um complexo sistema de representação do mundo e de interação que se materializam através de diferentes formas de uso, sendo a escrita e a oralidade as principais. Esses aspectos contribuem para que a língua compreenda um universo amplo de significações.

Para Ricardo (2009, p. 23)

> Um domínio social é um espaço físico onde as pessoas interagem assumindo certos papéis sociais. Os papéis sociais são um conjunto de obrigações e de direitos definidos por normas socioculturais. Os papéis sociais são construídos no próprio processo de interação humana. Quando usamos a linguagem para nos comunicar, também estamos construindo e reforçando os papéis sociais próprios de cada domínio.

Dentro dessa perspectiva, é importante destacar que as formas de linguagem desempenham um papel importante no processo de interação social. Sendo a leitura e a escrita as principais modalidades que os sujeitos têm à sua disposição para o domínio da comunicação. São as formas mais usuais presentes em nossa sociedade e assim, as que merecem mais atenção nos processos investigativos.

Para os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1997, p. 12):

> O domínio da língua, oral e escrita, é fundamental para a participação social efetiva, pois é por meio dela que o homem se comunica, tem acesso à informação, expressa e defende pontos de vista, partilha ou constrói visões de mundo, produz conhecimento. Por isso, ao ensiná-la, a escola tem a responsabilidade de garantir a todos os seus alunos o acesso aos saberes lingüísticos, necessários para o exercício da cidadania, direito inalienável de todos.

Assim sendo, é importante entender em que medida o uso dessas formas de linguagens contribuem para que os indivíduos consigam estabelecer um nível comunicativo e que importância essas modalidades desempenham no processo de interação social colocado no contexto das abordagens lingüísticas.

A linguagem é essencial para a integridade do desenvolvimento emocional e cognitivo. Nesse sentido, faz-se necessário entender como o uso da oralidade e da escrita favorece o processo de entendimento entre os

sujeitos e como esse aspecto tem relevância no âmbito da comunicação, pois são elementos indissociáveis do processo de interação social.

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL1997, p. 21):

> O domínio da língua tem estreita relação com a possibilidade de plena participação social, pois é por meio dela que o homem se comunica, tem acesso à informação, expressa e defende pontos de vista, partilha ou constrói visões de mundo, produz conhecimento.

Entender esses aspectos contribui para que a prática pedagógica consiga dar conta da complexidade que tem se tornado o ensino de língua portuguesa nos últimos anos. As mais variadas formas de comunicação incrementadas pela evolução dos meios de comunicação recriaram as formas de oralidade, escrita e por que não dizer de leitura. Aspectos que exigem cada vez mais entendimento sobre a importância do uso e do domínio das diferentes linguagens nas diversas situações comunicativas.

1.2 A oralidade

Os sujeitos estão em constante processo de interação e descoberta, esse aspecto descortina uma gama de desafios que os fazem perceberem desde cedo a necessidade de procurar dominar técnicas de sobrevivência.

No campo da comunicação, este aspecto se materializa no entendimento de que para os sujeitos conseguirem desempenhar suas competências é necessário que consigam conhecer os códigos de língua que utilizam.

Dentro desse aspecto, a oralidade assume papel importantíssimo de instrumento de comunicação no sentido que é através do seu uso que os sujeitos conseguem se socializar e estabelecer relação entre o que sabem e o mundo que os cerca. A oralidade é uma atividade que se faz presente no desenvolvimento humano desde cedo e contribui para o fortalecimento das relações humanas.

Segundo Chaer e Guimarães (2012, p. 74):

> A linguagem oral tem uma função prática imprescindível na vida humana e social. É uma habilidade construída socialmente, isto é, a criança ensaia desde o primeiro momento de sua vida. A relação de comunicação no primeiro ano ocorre por meio da troca de experiências interpessoais com familiares e professores (...) desde muito cedo a criança se utiliza principalmente da linguagem oral para se comunicar. Antes de falar com fluência, as crianças já são capazes de utilizar a linguagem oral para diversos fins: pedir, solicitar determinadas ações ou objetos e expressar seus sentimentos, perguntar ou explorar o mundo a sua volta. Da mesma forma, mesmo antes de falar, a criança já começa a entender a fala das pessoas que estão interagindo com ela. No entanto, a compreensão da linguagem é mais abrangente que a capacidade de falar e ocorre antes mesmo que a criança possa se expressar oralmente.

Esse conceito leva ao entendimento de que a oralidade faz parte do desenvolvimento humano e é parte indissociável do seu processo de evolução social. De fato que compreender essa importância se constitui em fator primordial para o trabalho pedagógico, pois a fala é parte integrante da vida e o seu desenvolvimento se dá mediante a vivência de experiências diversificadas, o que leva ao entendimento de que a oralidade não é um saber institucionalizado. Essa concepção converge para a reflexão acerca do que são considerados erro e acerto no trabalho com a fala dos sujeitos. Pois por ser um aspecto estritamente social, a fala contém múltiplas especificidades que devem ser respeitadas pela escola.

Visto por esse ângulo, é interessante observar o que defendem os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1997, p 38) quando afirma que:

> Expressar-se oralmente é algo que requer confiança em si mesmo. Isso se conquista em ambientes favoráveis à manifestação do que se pensa, do que se sente, do que se é. Assim, o desenvolvimento da capacidade de expressão oral do aluno depende consideravelmente de a escola constituir-se num ambiente que respeite e acolha a vez e a voz, a diferença e a diversidade. Mas, sobretudo, depende de a escola ensinar-lhe os usos da língua adequados a diferentes situações comunicativas. De nada adianta aceitar o aluno como ele é mas não lhe oferecer instrumentos para enfrentar situações em que não será aceito se reproduzir as formas de expressão próprias de sua comunidade. É preciso, portanto, ensinar-lhe a utilizar adequadamente a linguagem em instâncias públicas, a fazer uso da língua oral de forma cada vez mais competente.

Essa afirmativa converge para o entendimento de que o ensino da língua deve respeitar as diversidades que constituem a fala dos sujeitos, porém é necessário que estes mesmos sujeitos tenham acesso às outras formas socialmente aceitas. Não se trata de separar o que é certo do que é errado, mas propiciar ao aluno o conhecimento do maior número possível de estruturas de sua língua.

Sobre esse aspecto Chaer e Guimarães (2012, p. 76) orientam que:

> O trabalho com a linguagem oral deve acontecer no interior de atividades significativas. É fundamental que essas atividades se organizem de tal maneira que os alunos transitem das situações mais informais e coloquiais que já dominam ao entrar na escola a outras mais estruturadas e formais para que possam conhecer seus modos de funcionamento e aprender a utilizá-los

De fato o trabalho com a oralidade requer do professor um planejamento de ação pedagógica bastante comprometida de forma a garantir atividades não só de fala ou escrita, mas de reflexão sobre a língua. É preciso que o professor crie situações em que a aprendizagem consiga abranger todas as formas comunicativas. Para os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1997, p. 40):

> Eleger a língua oral como conteúdo escolar exige o planejamento da ação pedagógica de forma a garantir, na sala de aula, atividades sistemáticas de fala, escuta e reflexão sobre a língua. São essas situações que podem se converter em boas situações de aprendizagem sobre os usos e as formas da língua oral: atividades de produção e interpretação de uma ampla variedade de textos orais, de observação de diferentes usos, de reflexão sobre os recursos que a língua oferece para alcançar diferentes finalidades comunicativas. Para isso, é necessário diversificar as situações propostas tanto em relação ao tipo de assunto como em relação aos aspectos formais e ao tipo de atividade que demandam — fala, escuta e/ou reflexão sobre a língua. Supõe também um profundo respeito pelas formas de expressão oral trazidas pelos alunos, de suas comunidades, e um grande empenho por ensinar-lhes o exercício da adequação aos contextos comunicativos, diante de diferentes interlocutores, a partir de intenções de natureza diversa. É fundamental que essa tarefa didática se organize de tal maneira que os alunos transitem das situações mais informais e coloquiais que já dominam ao entrar na escola a outras mais estruturadas e formais, para que

> possam conhecer seus modos de funcionamento e aprender a utilizá-las.

Dentro desse aspecto, torna-se importante que o trabalho com a oralidade consiga dar conta das múltiplas especificidades que a língua portuguesa apresenta. É necessário que o professor compreenda que essa modalidade de linguagem apresenta aspectos que contem reflexos sociais, este é o princípio do entendimento de que o ensino da língua precisa valorizar as diversidades e compreender em sua prática a abrangência de todas essas complexidades.

Sobre essa realidade, é interessante observar as reflexões de Bagno (2000, p 51) quando afirma que:

> É preciso abandonar essa ânsia de tentar atribuir a um único local ou a uma única comunidade de falantes o “melhor” ou o “pior” português e passar a respeitar igualmente todas as variedades da língua que constituem um tesouro precioso de nossa cultura. Todas elas têm o seu valor, são veículos planos e perfeitos de comunicação e de relação entre as pessoas que as falam. Se tivermos de incentivar o uso de alguma norma culta, não podemos fazê-lo de modo absoluto, fonte do preconceito. Temos de levar em consideração a presença de regras variáveis em todas as variedades, a culta inclusive.

Dessa forma, a oralidade precisa ser trabalhada em sala de aula de forma que o aluno tome conhecimento das variedades e assim tenha condições de saber identificar os modos de uso de acordo com as diversas situações em que dele sejam exigidas a fala. É um trabalho que deve contemplar a construção de um saber que torne o sujeito participante e socialmente crítico, uma vez que é através do uso da competência comunicativa oral que ele estabelece uma relação com os outros sujeitos.

Sobre esse aspecto, Porto (2009, p 22) afirma que:

> Quando consideramos a língua em sua perspectiva histórica e social, o trabalho com a oralidade de se dar em situações reais de uso da fala. No processo de ensino-aprendizagem da língua, o professor deve promover situações que incentivem os alunos a falar, a expor e debater suas ideias, percebendo, nos diferentes discursos, diferentes intenções. Deve promover ainda atividades que possibilitem ao aluno tornar-se um falante cada vez mais ativo e competente, capaz de compreender os discursos dos outros e de organizar os seus de forma clara, coesa e coerente. O professor deve planejar e desenvolver um trabalho com a oralidade que, gradativamente, leve o aluno não

> só a conhecer e usar a variedade lingüística padrão, como também estender a necessidade desse uso em determinados contextos sociais.

Por meio dessa afirmativa, é possível entender que a oralidade se constitui um importante meio que os falantes têm de interação e que ao professor cabe a tarefa de fazer com que essa modalidade da linguagem seja constante aos alunos, a fim de que estes tenham desde cedo o contato com esse tipo de competência comunicativa.

1.3 A escrita

Desde tempos muito remotos, o homem sentiu necessidade de se comunicar, de repassar para outros grupos e sujeitos seu pensamento, mesmo antes de dominar a fala. Os registros históricos mostram que os sujeitos deixaram registrados sinais gráficos em cavernas na tentativa de expressar alguma informação relevante.

Este fato leva ao entendimento de que a escrita foi e ainda vai continuar sendo por muitos séculos um importante objeto de comunicação. A eclosão da tecnologia e as constantes mudanças na sociedade reafirmam essa realidade porque são exigidos dos indivíduos cada vez mais domínio do código escrito.

Para Gagliari (1999, p. 112):

> A escrita, seja ela qual for, sempre foi uma maneira de representar a memória coletiva, religiosa, mágica, científica, política, artística e cultural. A invenção do livro e, sobretudo da imprensa são grandes marcos da humanidade, depois é claro, da própria invenção da escrita. Esta foi passando do domínio de poucas pessoas para o público em geral e seu consumo é mais significativo na forma de leitura do que na produção de textos. (...) para a maioria das pessoas, além de aprender a andar e a falar, é comum aprender a ler e escrever.

Assim sendo, é possível entender que o domínio da escrita se faz indispensável à vivência social dos indivíduos, pois a sociedade, cada vez mais dominada pelo código escrito, exige do sujeito uma multiplicidade de interpretações que geralmente se apoiam nos textos escritos e deles depreendem seus significados.

Sobre esse aspecto Gagliari (1999, p.103) afirma que:

> A escrita, seja ela qual for, tem como objetivo primeiro permitir a leitura. A leitura é uma interpretação da escrita e consiste em traduzir símbolos escritos em fala. Alguns tipos de escrita se preocupam com a expressão oral e outros simplesmente com a transmissão de significados específicos, que devem ser decifrados por quem é habilitado. Nesse caso os aspectos fonológicos, lexical, sintático que marcam a linearidade do discurso linguístico, não têm indicação específica, ficando a cargo de o leitor encontrar a maneira mais adequada de realiza-los. Muitas vezes esse tipo de escrita se serve de palavras-chaves para sua decifração.

Esse conceito descortina a necessidade de refletir sobre como o ensino da escrita tem se desenvolvidos nas escolas, que papel tem sido reservado a essa importante forma de comunicação, uma vez que saber escrever é tão importante quanto saber ler, visto que são atividades complementares que devem ser dominadas desde cedo a fim de que os sujeitos possam ser capazes de desenvolver um bom uso da língua materna.

Dentro dessa realidade, é necessário que o ensino-aprendizado da escrita parta da ideia de que todo texto tem um sentido e assim favoreça ao aluno elementos que o façam entender a proximidade que existe entre escrita e leitura.

Sobre essa questão, recorremos às assertivas de Porto (2009, p 29) quando afirma que:

> A produção da escrita deve partir da ideia de que os textos possuem alguma função e que serão lidos e ouvidos por outras pessoas. Como o ser humano amplia os níveis de seu conhecimento de mundo, elaborando e reelaborando aquilo que já está registrado, decorre a necessidade de a escola trabalhar com textos que propiciem a interação do aluno com todos esses registros. Para tanto, é essencial que o professor perceba a importância da realização de uma análise linguística coerente. Em outras palavras, é importante nessa análise, que o texto não seja usado como mero pretexto para o estudo da nomenclatura gramatical desvinculado da atribuição de sentido. É fundamental uma análise linguística que mostre o uso funcional, isto é, que reflita sobre os elementos gramaticais que organizam e garantam a coerência e coesão no interior do texto. Assim, o professor deverá trabalhar com a linguagem e seu uso através de atividades que levem à reflexão.

Dessa forma, é possível entender que o trabalho com a escrita deve ocasionar nos alunos a reflexão sobre o que se está escrevendo, o objetivo desse ensino deve fazer o escritor perceber que seu texto será lido por alguém

e assim sendo, merece ser revisado e ter sentido. Para os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1997, p. 49) a escrita é:

> Compreendida como um complexo processo comunicativo e cognitivo, como atividade discursiva, a prática de produção de textos precisa realizar-se num espaço em que sejam consideradas as funções e o funcionamento da escrita, bem como as condições nas quais é produzida, para que, para quem, onde e como se escreve.

Assim sendo, o trabalho com a escrita deve ocorrer de maneira que os alunos sejam levados a produzir os mais diversos textos e com a prática contínua de produção com condições semelhantes às que caracterizam a escrita na sociedade, tendo o contato direto com os mais variados tipos de texto e construindo um entendimento sobre a importância destes no mundo moderno. De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1997, p. 48):

> Para aprender a escrever, é necessário ter acesso à diversidade de textos escritos, testemunhar a utilização que se faz da escrita em diferentes circunstâncias, defrontar-se com as reais questões que a escrita coloca a quem se propõe produzi-la, arriscar-se a fazer como consegue e receber ajuda de quem já sabe escrever. Sendo assim, o tratamento que se dá à escrita na escola não pode inibir os alunos ou afastá-los do que se pretende; ao contrário, é preciso aproximá-los, principalmente quando são iniciados “oficialmente” no mundo da escrita por meio da alfabetização. Afinal, esse é o início de um caminho que deverão trilhar para se transformarem em cidadãos da cultura escrita.

Nesse sentido, o ato de escrever implica planejamento e esse aspecto deve estar presente desde os primeiros anos escolares. É preciso orientar o aluno a escrever, reler e revisar seu texto para aperfeiçoar suas ideias, uma vez que a escrita é um elemento essencial na construção do conhecimento linguístico.

Dentro dessa concepção, a escrita precisa ter um objetivo bem definido, fornecer subsídios para que alguém leia. Assim, não se pode imaginar um ensino que seja direcionado apenas para a conceituação gramatical, é preciso ter em mente que o ato de escrever tem um significado e como tal precisa fazer parte do pensamento de quem escrever. O aluno deve ser levado a fazer essa

reflexão constantemente a fim de ser capaz de elaborar um texto coerente e ter consciência do que seja esse aspecto. Para Gagliari (1999, p. 104-105):

> A escrita deve ter como objetivo essencial o fato de alguém ler o que está escrito. Ler é um ato linguístico diferente da produção espontânea de fala sobre um assunto qualquer. Ler é condicionado pela escrita, mesmo que a restrição seja somente semântica. É exprimir um pensamento estruturado por outra pessoa, não pelo leitor falante. [assim] a escrita se diferencia de outras formas de representação do mundo, não só porque induz à leitura, mas também porque essa leitura é motivada, isto é, quem escreve pede ao leitor que interprete o que está escrito, não pelo puro prazer de fazê-lo, mas para realizar algo que a escrita indica.

Esses elementos contribuem para entender que o trabalho com a escrita merece uma atenção especial, pois deve substituir os exercícios de natureza meramente gramatical e estrutural, mas que possa ser um exercício para a reflexão linguística, no qual o aluno domine a escrita e saiba que seu texto tem um destinatário, aspectos primordiais para o entendimento de que a estrutura textual não é só um amontoado de frases soltas, mas sim uma construção com sentido definido.

1.4 A leitura

Através da decodificação dos signos linguísticos os indivíduos são capazes de estabelecer uma relação profícua com o mundo ao qual estão inseridos e o conhecimento ao qual têm acesso. É um processo complexo, pois requer muito mais do que apenas o conhecimento das correspondências linguísticas entre sons e letras.

Esse aspecto é o que torna a leitura um elemento primordial na compreensão e apreensão dos conceitos que estruturam os saberes universais. Saber ler é, antes de tudo, saber estabelecer a correspondência entre o que se lê e o que se entende. Por esse motivo é uma temática que desperta grandes debates teóricos que tentam dar conta da complexidade que é o ato de ler.

Refletindo sobre o ato de ler, Yunes (1995, p. 185) defende que:

> Ler significa descortinar, mudar de horizontes, interagir com o real, interpretá-lo, compreendê-lo e decidir sobre ele. Desde o início a leitura deve contar com o leitor, sua contribuição ao texto, sua observação ao contexto, sua percepção do entorno. O prazer de ler é também uma descoberta.

É um processo contínuo em que o sujeito vai desenvolvendo seu interesse à medida que lhe são apresentados textos que estão em consonância com sua realidade, de modo que a leitura não é uma prática ensinada, mas antes um hábito a ser estimulado e deve estar além dos saberes escolarizadose muito mais próximo do contexto social dos sujeitos. Sobre esse aspecto, Magnani (2001, p 49) coloca que:

> A leitura é um processo de construção de sentidos, oscilando numa tensão constante entre paráfrase(reprodução de significados) e polissemia (produção de novos significados) ela se constitui num processo de interação homem/mundo através de uma relação dialógica entre leitor e texto mediada pelas condições de emergência (produção, edição, difusão, seleção) e utilização desses textos.

Assim sendo, torna-se interessante refletir sobre o papel da prática pedagógica no estímulo à leitura bem como que importância social o hábito de ler tem na construção de sujeitos críticos. São aspectos que vão de encontro aos debates travados há muitos anos sobre a necessidade da formação de leitores reflexivos.

Os sujeitos precisam adquirir desde cedo a consciência de que o hábito de ler contribui para a ampliação das perspectivas, para a associação de ideias e, principalmente, para a reflexão. Para tanto, é preciso que a escola desenvolva uma prática engajada nessas questões, onde o desenvolvimento da prática da leitura não se justifique em atividades de passividade em que o jovem leitor seja solicitado a preencher fichas que muito pouco contribue para seu conhecimento enquanto sujeito social.

Esse entendimento pode ser percebido em Magnani (2001, p 63) quando afirma que:

> A imposição de leituras tem mostrado que a noção de valor contida na seleção de textos pode gerar equívocos no contexto da nossa realidade educacional, reforçando o desgosto do aluno pela leitura e pela literatura e sua ambígua condição de evidência e mistério, gerada pela repetição e automatização de modelos.

De fato, o ato de ler se desvela em um universo muito além dos preceitos constitutivos da didática escolar atual. É um processo que uma vez apreendido pelo sujeito é capaz de leva-lo à tomada de atitudes o que o torna também em um ato político.

Dentro desse aspecto, cabe à escola saber respeitar o conhecimento trazido pelo aluno para que, a partir desse diálogo, possa desenvolver uma prática eficiente e formar leitores conscientes de seu papel social.

Para Freire (1989, p. 18)

> O ensino deve sempre respeitar os diferentes níveis de conhecimento que o aluno traz consigo à escola. Tais conhecimentos exprimem o que poderíamos chamar de identidade cultural do aluno, ligada, evidentemente ao conceito sociológico de classe. O educador deve considerar essa "leitura de mundo" inicial que o aluno traz consigo, ou melhor, em si. Ele forjou-a no contexto de seu lar, de seu bairro, de sua cidade, marcando-a fortemente sua origem social.

É dentro dessa perspectiva que a leitura deve estar envolvida, pois não se pode exigir do aluno o gosto por algo que lhe é estranho. O hábito de ler deve partir do que está dentro do cotidiano dos sujeitos, é um processo lento que a escola deve atentar em todas as fases do seu ensino, dos seus métodos e da didática que desenvolve. Sobre esse aspecto, Sá (2001, p. 9) coloca que:

> Tentar entender a complexidade das múltiplas relações que se estabelecem na escola, especificamente aquela que compreende o incentivo à leitura e como esta é importante em todo o processo de ensino-aprendizagem, pressupõe trabalho árduo, porque vai buscar as relações que existem entre o contexto e as condições que constituem o sentido da linguagem produzida com vistas à construção do conhecimento como uma transformação da prática pedagógica existente.

Percebe-se que o processo de ensino-aprendizagem da leitura não é uma tarefa fácil, pois não é um hábito comum nem dentro nem fora das escolas brasileiras o que acarreta sérios problemas tanto de cunho estrutural quanto social; os sujeitos que não leem dificilmente conseguem ocupar os espaços sociais em que a sociedade letrada constrói cotidianamente e terminam por não reconhecerem o ato de ler como construção do conhecimento.

Sobre esse aspecto, Antoniacomi, et al (2001, p 12) coloca que:

> A leitura abre “mundos” a qualquer pessoa, podendo conquistar conteúdos, cultura, lazer e principalmente satisfação e prazer ao fazer uma boa leitura. Aliado a isto, a leitura amplia o raciocínio, a verbalização, a formalidade das palavras, dos textos escritos, dos diálogos formais e informais, enfim, auxilia numa infinidade de objetivos, que podem ser conquistados por meio da leitura.

Esse entendimento corrobora com a ideia de que a leitura deve ser o ponto de partida de toda aprendizagem, pois é através da sua utilização que os sujeitos se tornam capazes de construir seus métodos de interação com o mundo na medida em que conseguem estabelecer relação entre aquilo que leem e a realidade na qual estão inseridos. Dessa forma, por ser o elemento que auxilia a compreensão da sociedade, das culturas e dos saberes socialmente acumulados deve ocupar um papel preponderante nos discursos pedagógicos contemporâneos.

2. LEITURA, ESCRITA E ENSINO

A leitura é uma atividade que merece ser exercitada e explorada no decorrer de todo o percurso escolar, pois é uma atividade que não se fecha em si e contribui para que os sujeitos consigam acumular saberes durante toda a vida. Assim, é importante que seu ensino esteja constantemente em pauta nos discurso pedagógicos para que as formas e metodologias de ensino procurem sempre dar conta das especificidades que o assunto requer.

Para Fonseca (2011, p. 22):

> A leitura deve ser explorada desde os primeiros anos escolares e enfatizada no ensino fundamental, pois não é uma atividade natural que a criança aprende sozinha, ela faz parte do processo de ensino no qual o professor deve ser o mediador entre as habilidades de leitura a serem desenvolvidas no processo de aprendizagem do aluno.

. Essa afirmação leva ao entendimento de que o hábito da leitura perpassa todo o processo de ensino do qual os sujeitos se submetem e cabe ao professor desenvolver sua prática de modo que o aluno perceba a íntima ligação que há entre o texto escrito e a realidade que o cerca, é um confronto das relações entre a escrita e a leitura que contribui para que o jovem leitor inicie seu processo de interpretação. Sobre esse aspecto, Jouve (2002, p 17) defende que “a leitura é antes de mais nada um ato concreto observável que recorre a faculdades definidas do ser humano (...) ler é anteriormente a qualquer análise do conteúdo, uma operação de percepção, de identificação e de memorização dos signos”

Dentro dessa perspectiva, é possível entender a proximidade que existe entre a escrita e a leitura, uma vez que é a partir da representação dos códigos que os sujeitos apreendem o significado do texto. Nesse contexto, a alfabetização torna-se um elemento crucial no processo de iniciação à prática da leitura. Na medida em que os sujeitos descobrem a relação entre letras e sons, passam a ser capazes de estabelecer o sentido do que está escrito. Essa relação entre escrita e leitura é o que deve nortear o ensino de língua e esse entendimento está expresso na fundamentação dos Parâmetros Curriculares Nacionais (1997, p. 58), quando postula:

> Uma vez que as práticas de linguagem são uma totalidade e que o sujeito expande sua capacidade de uso da linguagem e de reflexão sobre ela em situações significativas de interlocução, as propostas didáticas de ensino de Língua Portuguesa devem organizar-se tomando o texto (oral ou escrito) como unidade básica de trabalho, considerando a diversidade de textos que circulam socialmente. Propõe-se que as atividades planejadas sejam organizadas de maneira a tornar possível a análise crítica dos discursos para que o aluno possa identificar pontos de vista, valores e eventuais preconceitos neles veiculados.

Assim sendo, é possível entender a escrita como representação gráfica do discurso que possibilita a fixação permanente da linguagem falada. É um aspecto que, estando ligado ao processo de comunicação entre os sujeitos, se constitui em um importante elemento de formulação de sentidos. Na fase da alfabetização a criança consegue descobrir e reinventar a escrita elaborando um processo de transformação que a estimula à prática da leitura.

É através dessa relação entre escrita e leitura que a aprendizagem da língua se desenvolve. Ao desenvolver a competência de decifrar e interpretar os códigos escritos, os sujeitos adquirem para si os atributos lingüísticos, culturais e sociais do seu idioma construindo o conhecimento e viabilizando sua atuação social. Para Jouve (2002, p. 22):

> O sentido que se tira da leitura (reagindo em face da história, dos argumentos propostos do jogo entre os pontos de vista) vai se instalar imediatamente no contexto cultural onde cada leitor evolui. Toda leitura interage com a cultura e os esquemas dominantes de um meio e de uma época. A leitura afirma sua dimensão simbólica agindo nos modelos do imaginário coletivo quer os recuse, quer os aceite.

Partindo desse entendimento, é válido afirmar que o ensino da escrita e da leitura deve se complementar no sentido de permitir que os sujeitos ao desenvolverem o poder de decifração dos códigos escritos, sejam capazes de estabelecer relação entre o que leem e a realidade que os cerca. Esse aspecto torna-se possível através da mediação do professor; sua prática deve buscar entender que a aprendizagem é um processo de múltiplos sentidos e a leitura e a escrita ocupam um lugar de destaque na medida em que favorecem a percepção dos elementos que constituem a sociedade. Nesse ínterim, ensino é o grande responsável pela mudança de comportamento e a aquisição de novas

posturas. Este conceito pode ser percebido nos Parâmetros Curriculares Nacionais (1997 p. 71) ao afirmar que:

> O conhecimento, portanto, é resultado de um complexo e intrincado processo de construção, modificação e reorganização utilizado pelos alunos para assimilar e interpretar os conteúdos escolares. O que o aluno pode aprender em determinado momento da escolaridade depende das possibilidades delineadas pelas formas de pensamento de que dispõe naquela fase de desenvolvimento, dos conhecimentos que já construiu anteriormente e do ensino que recebe. Isto é, a ação pedagógica deve se ajustar ao que os alunos conseguem realizar em cada momento de sua aprendizagem, para se constituir em verdadeira ação educativa.

É esse entendimento que deve nortear o ensino e principalmente o trabalho com a língua. É preciso que os sujeitos percebam desde o início de sua escolarização que há diversas formas de compreensão e que o conhecimento é algo que se transforma na medida em que são ampliados os acessos aos saberes. Ao professor é dada a tarefa de desenvolver uma prática que contribua para a evolução da aprendizagem nas diferentes fases do ensino.

2. 1 Leitura e escrita no ensino fundamental

A educação brasileira tem sido palco de um intenso debate nos últimos anos na tentativa de buscar a melhora na oferta e nas metodologias de ensino. A partir da década de 1990 várias medidas começaram a ser tomadas no sentido de construir um novo modelo que desse conta das necessidades existentes. O surgimento dos Parâmetros Curriculares pode ser considerado um marco nesse sentido na medida em que inaugurou os pontos bases em que a educação deveria se apoiar. Esses pontos contribuíram para que o ensino, agora dividido em ensino infantil, ensino fundamental e ensino médio conseguisse estabelecer uma nova dinâmica para a construção de um referencial de ensino no país.

Já em sua introdução o documento deixou claro sua proposta de incluir variadas temáticas até então deixadas de fora nos discursos educacionais

realizados ao longo da trajetória histórica do ensino brasileiro, como podemos constatar na seguinte assertiva:

> Os Parâmetros Curriculares Nacionais nascem da necessidade de se construir uma referência curricular nacional para o ensino fundamental que possa ser discutida e traduzida em propostas regionais nos diferentes estados e municípios brasileiros, em projetos educativos nas escolas e nas salas de aula. E que possam garantir a todo aluno de qualquer região do país, do interior ou do litoral, de uma grande cidade ou da zona rural, que frequentam cursos nos períodos diurno ou noturno, que sejam portadores de necessidades especiais, o direito de ter acesso aos conhecimentos indispensáveis para a construção de sua cidadania. Para tanto, é necessário redefinir claramente o papel da escola na sociedade brasileira e que objetivos devem ser perseguidos nos oito anos de ensino fundamental. Os Parâmetros Curriculares Nacionais têm, desse modo, a intenção de provocar debates a respeito da função da escola e reflexões sobre o que, quando, como e para que ensinar e aprender, que envolvam não apenas as escolas, mas também pais, governo e sociedade (1997, p.18)

Dentro desse novo modelo de ensino propagado e amplamente discutido em todo território nacional, ficou evidente a necessidade de reformular as metodologias e as abordagens de ensino contemplando todas as disciplinas escolarizadas. O ensino de língua recebeu um importante olhar na medida em que se passou a entender que o uso da variedade textual contribuiria para a ampliação dos conceitos de linguagem que todos os indivíduos necessitam dominar.

Nesse sentido, o direcionamento do ensino da leitura e da escrita no ensino fundamental passou a contemplar as abordagens das diferentes concepções de linguagem, tanto como forma de interação social, quanto como produtora de sentido. Esse aspecto convergiu para a construção de metodologias de ensino que contemplem a variedade lingüística dentro de um entendimento cultural que favoreça todos os sujeitos envolvidos no processo de escolarização. Não há mais espaço para um ensino engessado em fórmulas destoantes das realidades que os alunos trazem cotidianamente para o contexto escolar.

Nesse sentido, os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1997, p. 25) para as formas de produção, as escolhas e o sentido da linguagem dentro de um determinado contexto histórico-social, afirmando que:

> Produzir linguagem significa produzir discursos. Significa dizer alguma coisa para alguém, de uma determinada forma, num determinado contexto histórico. Isso significa que as escolhas feitas ao dizer, ao produzir um discurso, não são aleatórias — ainda que possam ser inconscientes —, mas decorrentes das condições em que esse discurso é realizado. Quer dizer: quando se interage verbalmente com alguém, o discurso se organiza a partir dos conhecimentos que se acredita que o interlocutor possua sobre o assunto, do que se supõe serem suas opiniões e convicções, simpatias e antipatias, da relação de afinidade e do grau de familiaridade que se tem, da posição social e hierárquica que se ocupa em relação a ele e vice-versa. Isso tudo pode determinar as escolhas que serão feitas com relação ao gênero no qual o discurso se realizará, à seleção de procedimentos de estruturação e, também, à seleção de recursos lingüísticos. É evidente que, num processo de interlocução, isso nem sempre ocorre de forma deliberada ou de maneira a antecipar-se ao discurso propriamente. Em geral, é durante o processo de produção que essas escolhas são feitas, nem sempre (e nem todas) de maneira consciente.

Desta forma, a leitura e a escrita precisa ocupar um lugar de destaque no ensino fundamental, visto que é a partir dessa fase escolar que se deve propiciar aos alunos um contato maior com a variedade textual produzida pela sociedade e estimular a interação entre o entendimento acerca desses textos e o processo de escrita, a fim de que os educandos possam ampliar e aprofundar esses conhecimentos ao longo de sua vida acadêmica. Os alunos devem ser levados, nesse segmento, a tornar a produção textual algo pertinente em suas vivências para que consigam aproximarem-se do modelo social de pessoa letrada, que reconhece e é capaz de produzir variados tipos de textos. De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1997, p. 35):

> A importância e o valor dos usos da linguagem são determinados historicamente segundo as demandas sociais de cada momento. Atualmente exigem-se níveis de leitura e de escrita diferentes e muito superiores aos que satisfizeram as demandas sociais até bem pouco tempo atrás — e tudo indica que essa exigência tende a ser crescente. Para a escola, como espaço institucional de acesso ao conhecimento, a necessidade de atender a essa demanda, implica uma revisão substantiva das práticas de ensino que tratam a língua como algo sem vida e os textos como conjunto de regras a serem aprendidas, bem como a constituição de práticas que possibilitem ao aluno aprender linguagem a partir da diversidade de textos que circulam socialmente.

É nesse contexto que o uso da leitura e da escrita no ensino fundamental tende a ser importante no sentido de possibilitar a construção dos conceitos que os alunos devem ter dos usos da língua de modo geral e como competência comunicativa. Nesse segmento, os sujeitos necessitam desenvolver a capacidade de criação e interpretação para que em outros níveis de ensino possam aprofundar a formulação de seus entendimentos.

Em relação ao desenvolvimento da leitura nesse contexto, é interessante ressaltar o que defendeJouve (2002, p 77) sobre a formação do leitor.

> O leitor constrói sua recepção decifrando um após outro os diferentes níveis do texto (...) o leitor parte das estruturas mais simples para chegar às mais complexas, dessa forma atualiza sucessivamente as estruturas “discursivas” “narrativas” e “ideológicas”.

Partindo desse entendimento, as orientações para o ensino da leitura deve priorizar a formação do leitor levando em consideração os diferentes níveis em que os textos devem ser apresentados e, dentro dessa relação, a escrita surge não como reescrita, mas como possibilidade de intercâmbio entre as reflexões feitas ao longo da leitura. É esse processo de interpretação que dará o norte para a formação de leitores e escritores. De acordo com Silva (2013, p. 67):

> Interagir por meio de textos escritos é o fundamento básico da leitura. As cartas, os convites, os e-mails, os anúncios, as propagandas são escritos para causar efeitos nos que leem. Leem esses materiais para aprender o que eles querem dizer, para interagir através deles. Na escola, esses materiais podem ser abundantes e frequentes. As cartinhas de amor que se recebe dos alunos mostram o quanto essa finalidade pode ser mobilizada na escola. Nesses casos, os alunos querem realmente expressar seus sentimentos e fazer isso através da escrita.

Assim, no ensino fundamental os alunos devem entender que a busca pelo conhecimento passa tanto pela leitura quanto pelo processo de escrita, pois são os mecanismos de reflexão usados para ampliar o conhecimento. A leitura é importante para a escritura do texto porque coloca à disposição do sujeito uma variedade de elementos que consubstanciam o que ele quer comunicar, a escrita por sua vez é a representação gráfica do pensamento, de

modo que também aciona em seu processo, as representações subjetivas elaboradas no momento de sua relação.

Esses são os aspectos que devem ser levados em consideração no momento da elaboração das estratégias didáticas no ensino fundamental, contemplar a variedade textual no trabalho com a leitura e a escrita favorece a integração com os variados sentidos elaborados pelos textos que circulam socialmente e contribui para a construção de sujeitos leitores/escritores reflexivos.

2. 2 Leitura e métodos de recepção

O ensino da leitura deve estar pautado nas mais variadas concepções de linguagem para que os sujeitos possam desenvolver a capacidade reflexiva acerca dos mais variados sentidos e objetivos das construções textuais e assim serem capazes de estabelecer uma relação de diálogo entre o que leem e o que já tem internalizado. Nesse sentido, é uma ação dialógica que favorece a formulação de entendimento os quais juntos convergem para uma reflexão mais profunda sobre a realidade.

Para Gontijo (2011 p. 105)

> O texto escrito utiliza o sistema da língua para produzir significados. Como unidade de significação é um produto de criação ideológica e, então só pode ser compreendido em relação com a sociedade, ou seja, com o contexto sócio histórico e ideológico em que foi produzido. ao buscarmos compreender os textos em relação com o contexto de produção ou social, conhecermos e compreendermos o ser humano numa perspectiva dialógica. Portanto o ato de compreensão também é de natureza dialógica.

Partindo desse pressuposto, torna-se relevante afirmar que a recepção que o leitor faz da leitura está intimamente interligado ao conhecimento que tem sobre o assunto. Quanto mais a temática expressa no texto lido for reconhecível ao indivíduo, muito mais fácil será sua interpretação e entendimento.

Para Jouve (2002) a leitura está longe de ser uma recepção passiva, apresenta-se como uma interação produtiva entre texto e o leitor. É um diálogo

que existe e abrange múltiplas formas de interpretação e intenções na medida em que o indivíduo consegue estabelecer uma relação entre o universo descrito pelo autor e suas necessidades intrínsecas.

Dentro dessa perspectiva, o ensino de leitura deve ser capaz de perceber essas variadas formas de recepção que o leitor desenvolve de modo a formular estratégias que deem conta de oportunizar o encontro entre o sujeito leitor e o texto que lhe apraz. É uma tarefa que requer máximo entendimento acerca da importância do hábito da leitura para a construção do conhecimento. A aula de língua deve apresentar ao aluno a leitura como um conjunto de estruturas discursivas narrativas e ideológicas capazes de leva-lo aos mais variados níveis de aprendizagem.

Outro aspecto a ser levado em consideração é a não passividade do leitor frente ao texto. Mesmo no processo de aquisição da leitura, os educandos conseguem fazer inferências acerca do que codificam, de modo que a percepção da leitura é algo que está internalizado nos indivíduos e assim sendo, leva ao entendimento de que o leitor é o sujeito principal que o autor leva em consideração ao elaborar seu texto, aspecto que se configura na medida em que a produção textual consegue ocasionar a interação entre o que está escrito e o ponto de vista de quem lê, construindo assim uma rede de conhecimento que contribui para a ampliação do campo cognitivo dos leitores. Refletindo acerca dessa questão, Encarnação (2005, p. 11) acredita que:

> O leitor passa a ser, durante o processo de leitura, tão decisivo para o caráter do discurso quanto quem o produz porque nem tudo que o enunciado deixa ou faz entender se acha implícito nele, pois parte do seu sentido já está no conhecimento do leitor. Um texto traz em si marcas de outros textos, implícita ou explicitamente e essa ligação entre textos pode ser de uma simples citação ou até de uma paródia completa. Essa associação é prevista pelo autor e deve ser feita pelo leitor na proporção em que partilhem conhecimentos. Em todas as formas de leitura, muito do nosso conhecimento prévio é exigido para que haja uma compreensão mais exata.

Esse conceito leva ao entendimento de que a leitura é um processo em que a intertextualidade exige do leitor uma percepção de conceitos baseada no diálogo entre o que está expresso no texto e o que ele já sabe a respeito. É uma interação que deve despertar no sujeito a capacidade de estabelecer

relações e ampliar seus conhecimentos. Por isso não acontece de forma simples, é antes de tudo um envolvimento de conceitos que precisam ser melhor aproveitados nas aulas de língua, a fim de oportunizar um ensino eficiente e consequentemente a formação de bons leitores.

3. CONCEPÇÕES E PRÁTICAS DE LEITURA: um olhar para uma turma de 5º ano do Ensino Fundamental

Refletir sobre a leitura no ensino fundamental é antes de tudo, procurar entender que representações sociais os alunos são capazes de desenvolver, uma vez que a importância e o valor do uso da linguagem são determinados segundo as demandas sociais dos sujeitos. Os textos são produzidos e lidos dentro de contextos que não se constroem isoladamente e nesse sentido, a maneira como são expostos e como chegam aos sujeitos devem ser entendidos através de um processo contínuo de reflexão.

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (1997, p. 26) “cabe à escola viabilizar o acesso do aluno ao universo dos textos que circulam socialmente, ensinar a produzi-los e a interpretá-los”. Esse entendimento direciona para a prática pedagógica a responsabilidade em oportunizar ao aluno o contato com a variação textual para que assim consiga formar-se de fato em um bom leitor, capaz de posicionar-se de forma crítica e participativa diante das questões que envolvem o seu cotidiano.

Para tentar compreende como se articula o ensino de leitura no nível fundamental, sobretudo nos anos iniciais dessa modalidade, considera-se pertinente ouvir os sujeitos diretamente envolvidos nesse processo, o professor e o aluno. Para isto, entende-se que é preciso investigar sobre as concepções de leitura e as práticas de ensino vigente na escola, visto que ler desenvolver no aluno o gosto pela leitura ainda parece ser o grande desafio do professor de língua portuguesa.

Partindo desses pressupostos, e entendendo a necessidade de ampliação desse debate, recorremos a uma pesquisa de campo para saber quais as concepções e como se processam o ensino-aprendizagem de leitura em uma turma de 5º ano do ensino fundamental do turno matutino da escola Municipal Professora Terezinha Garcia Pereira, na cidade de Brejo do Cruz no estado da Paraíba.

A turma, nesse estudo, é formada por 10 alunos com faixa etária entre 10 e 11 anos, todos vindos da camada popular. Como método de coleta utilizou-se a aplicação de questionários para os alunos e para a professora

efetiva da turma. Os dados apresentados nesta seção apontam um entendimento sobre a concepção de leitura utilizada nesta sala de aula e contribui para a análise da prática desenvolvida no ensino da leitura.

Os questionários aplicados procuram dar conta de questões que exploram a significação da prática da leitura tanto para alunos quanto para a professora da turma, objetivando traçar uma percepção consistente acerca de como a prática pedagógica observada contribui ou não para a formação de leitores.

Dada às indagações, a professora respondeu às seguintes questões: Qual a importância da leitura? Como se dá o ensino da leitura na sua sala de aula? Que critérios você utiliza para selecionar os textos que serão lidos pelos alunos? Quais as principais dificuldades que você encontra para trabalhar a leitura na turma em que leciona? Como você faz para resolver o problema? Como você gostaria que o ensino de Português fosse? Como você planeja as aulas de leitura? Você costuma ler?

São questionamentos que buscam investigar como é desenvolvida a prática de leitura no sentido de apresentar resultados positivos para a formação dos alunos, ao mesmo tempo em que servem para identificar também como a professora se comporta enquanto leitora. Aspecto, que se considera importante para a análise do perfil docente.

Desta forma, pode-se inferir que este é um elemento importante porque a formação do leitor se dá principalmente através de um ensino competente que atenda a um contexto de interação. Nesse sentido, o docente precisa ter prioridade sobre o que ensina e como ensina. E em se tratando da leitura, se faz necessário perceber o nível de ensino que os sujeitos têm oportunidade de receber.

Para os alunos foram aplicados questionários que continham 5 perguntas relacionadas à maneira como os mesmos entendiam a leitura e também sobre a percepção da importância do ato de ler para o processo de ensino aprendizagem.

Esses questionamentos foram importantes para traçar um panorama acerca de como os alunos do 5º ano conseguem entender o valor do ato de ler no cotidiano. As questões: você acha a leitura importante? Por quê? Você costuma ler? Que tipo de leitura você gostaria de realizar? Por quê? Você se

considera um bom leitor? Como você avalia as aulas de português na sala de aula? São perguntas que tratam diretamente da autorreflexão que esses alunos são capazes de fazer em relação ao ensino aprendizado da leitura e oferecem indícios acerca da contribuição ou não desse ensino para o crescimento dos mesmos.

Partindo primeiramente da análise das respostas da professora, percebe-se que há comprometimento com a escolha dos textos de forma que sejam produções que pertençam ao cotidiano escolar no qual atua. Ao ser questionada sobre os critérios utilizados para selecionar os textos que serão lidos pelos alunos, ela respondeu que são “textos que são correntes com a realidade deles” essa resposta direciona o entendimento de que a prática da leitura nesta turma parte da possibilidade de identificação do aluno com a produção textual que lhe é apresentada, favorecendo assim a formação de situações didáticas adequadas para a promoção do gosto pela leitura.

Este aspecto pode ser comprovado através das respostas dos alunos. Ao serem perguntados se gostavam das aulas de português, responderam: “sim porque eu leio muito e aprendo coisas legais” (aluno 1); “ sim porque a aula de português é interessante” (aluno 3)e “sim porque a gente lê bastante” (aluno 6). São colocações que levam ao entendimento de que a aula de leitura é dinâmica e proveitosa, contribuindo para que aconteça a interação entre os textos apresentados e os alunos.

Sendo assim, esta prática contribui para a formação de leitores críticos, pois ao tomarem contato com os variados textos trazidos pela professora, vão ampliando seu universo de entendimento acerca da importância social da leitura e construindo o hábito de atribuir significado ao que leem.

Diante disso, a escola desempenha um papel preponderante na formação de leitores, pois é na prática escolar que os alunos têm a oportunidade de tomar contato com o conhecimento social acumulado e praticar o uso desses conhecimentos em seu cotidiano principalmente através da leitura.

Para os Parâmetros Curriculares Nacionais (1997 p. 41-42):

> Se o objetivo é formar cidadãos capazes de compreender os diferentes textos com os quais se defrontam, é preciso organizar o trabalho educativo para que experimentem e

> aprendam isso na escola. Principalmente quando os alunos não têm contato sistemático com bons materiais de leitura e com adultos leitores, quando não participam de práticas onde ler é indispensável, a escola deve oferecer materiais de qualidade, modelos de leitores proficientes e práticas de leitura eficazes. Essa pode ser a única oportunidade de esses alunos interagirem significativamente com textos cuja finalidade não seja apenas a resolução de pequenos problemas do cotidiano (...) eis a primeira e talvez mais importante estratégia didática para a prática de leitura: o trabalho com a diversidade textual. Sem ela pode até ensinar a ler, mas certamente não se formarão leitores competentes.

Dentro desse aspecto, é possível entender que o ensino da leitura deve contemplar a diversidade textual bem como se desenvolver dentro de uma prática comprometida com a aprendizagem. Na realidade pesquisada e aqui descrita, esses elementos se fazem presentes na forma como as aulas são planejadas, demonstrando dinamicidade e estratégias de ensino.

Ao ser questionada sobre como planeja as aulas de leitura, a professora respondeu: “ planejo de maneira que todos participem, lendo interpretando, lendo para os outros ouvirem na frente, uso caixa de som e microfone, dramatizando”. Percebe-se, portanto, que essa prática revela um ensino de leitura preocupado com o desenvolvimento do hábito de ler de maneira prazerosa e não apenas como decodificação. É importante que a mediação do professor seja capaz de oportunizar essa aproximação entre os alunos e o texto, favorecendo a evolução dos sujeitos enquanto leitores que se constituem também fora no espaço escolar.

Essa realidade pôde ser observada nas respostas dos alunos a respeito da questão que indagou se costumavam ler em casa ou só na escola, a maioria (93%) respondeu que liam em casa e na escola, o que representa o resultado da dinâmica usada pela professora de usar diferentes estratégias de leitura em sua aula.

Outro fator que apontou para o entendimento de que as aulas de leitura nessa turma contribuem para a formação de bons leitores foram as respostas dadas à pergunta: o que você tem a dizer sobre a importância de ler? Os alunos demonstraram um nível interessante de reflexão acerca do entendimento sobre a relevância da leitura para o processo de ensino aprendizado, demonstrando assim um entendimento consistente sobre a

prática do hábito de ler: “porque a gente tem aprendizado e leitura” (aluno 1); “para conhecer coisas novas” (aluno 5); “para aprender” (aluno 2); “porque a gente aprende a ler se desenvolve muito” (aluno 4).

À primeira vista são respostas simples, mas se forem levadas em consideração a série e a faixa etária dos entrevistados, pode-se perceber que se constituem de entendimentos bem elaborados acerca do valor da leitura enquanto objeto de conhecimento. Se um aluno de 5º ano consegue perceber que o ato de ler contribui para seu desenvolvimento, é possível que se torne um leitor crítico e proficiente ao passar dos anos.

Assim sendo, é importante observar que no ensino fundamental os alunos devem tomar contato com novos conhecimentos, pois se encontram em um período de descobertas e por isso a leitura deve ser trabalhada de forma dinâmica e significativa, a fim de que tenha sentido para o aluno.

Este aspecto ficou evidente na realidade observada através das respostas analisadas. Percebeu-se que a prática desenvolvida pela professora encontra-se em consonância com as orientações contemporâneas a respeito do ensino de língua englobando a leitura, a escrita e a oralidade.

Ao ser questionada sobre como se dá o ensino de leitura na sala de aula, a professora revelou o seguinte: “inicio a aula com uma leitura onde todos participem nas aulas de literatura trago paradidáticos ou textos, em todas as disciplinas sempre pratico a leitura com os alunos”. Assim, há essa revelação que merece ser destacada, visto que a docente tem consciência de que a leitura deve ser exercitada em todas as disciplinas. Por ser uma série em que há somente um professor, há uma carga de responsabilidade maior o que implica maior uso da leitura em relação ao planejamento didático e ao uso de textos.

Ainda dentro dessa perspectiva, a resposta da professora demonstra que a leitura é utilizada constantemente em sua prática o que favorece o entendimento de seu sentido por parte dos alunos, os quais se mostraram cientes da importância do ato de ler para o processo de ensino-aprendizagem e revelaram um conceito consistente a respeito do uso da leitura em seus contextos sociais.

De fato, a formação de leitores é algo que requer além do comprometimento docente, a formulação de condições favoráveis para a

prática da leitura, o que requer o uso das mais variadas estratégias e recursos materiais. Ao analisar as respostas dos alunos bem como as da professora foi possível entender que há o uso contínuo de elementos que contribuem para a construção do hábito de ler, pois os alunos não sentiram dificuldades em expressar seus entendimentos acerca das questões que lhes foram propostas e se mostraram bastante à vontade para discutir sobre a importância da leitura. Esse aspecto demonstrou que a facilidade com a linguagem já começa a se consolidar nessa série e que a leitura muito contribuiu para esse fato.

Assim, entende-se através da prática analisada que a professora utiliza todos os recursos disponíveis para que seus alunos possam se desenvolver enquanto sujeitos leitores e estes, por sua vez, demonstraram consonância com os objetivos descritos pela docente. Com isto, contatou-se que a ação pedagógica é primordial para a formação de leitores e para a percepção da leitura enquanto elemento de interação e formação social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ensino de leitura requer do professor a elaboração de estratégias que transforme o ato de ler em algo prazeroso e significativo. É preciso que o aluno consiga adquirir desde cedo o entendimento da necessidade de ampliar seus conhecimentos através da pesquisa, do estudo e da interação dos conhecimentos que possui e dos saberes que lhe são apresentados no ambiente escolar.

Levando em consideração esses aspectos e as exposições feitas neste trabalho, notou-se que a prática pedagógica ocupa um lugar imprescindível no processo de aquisição da leitura dos alunos da 2ª fase do ensino fundamental. A postura do professor e a maneira como trabalha as linguagens na sala de aula são elementos decisivos na formação do leitor-escritor na medida em que favorecem o despertar pelo gosto da leitura.

A forma como o tema é abordado na sala e as dificuldades de interpretação e produção textual estão intimamente ligadas, sendo o professor a peça chave para o estabelecimento das relações entre sujeitos e leitura.

A partir do momento em que o professor desenvolve sua prática com vistas a ajudar os alunos a compreenderem o significado da leitura enquanto elemento de ascensão social e de construção do conhecimento individual bem como os requisitos de interação entre os saberes que possui e os socialmente institucionalizados, certamente o ensino-aprendizado em torno do ato de ler contribui para a formação de sujeitos críticos. Mas esta realidade só é possível mediante a conscientização do professor em torno do seu papel de mediador.

Assim sendo, é possível afirmar que uma das formas de se atingir esse objetivo é a elaboração de aulas estratégicas que possibilitem ao aluno um contato mais prazeroso com a leitura, para que assim seja retirada a carga da prática do ato de ler como obrigação.

É preciso que os alunos desde os primeiros contatos com a escola sejam apresentados à leitura como algo dinâmico para que assim possam desenvolver suas capacidades de forma espontânea e o professor tenha condição de aproveitar esse ambiente e criar momentos de aprendizagem mais complexos, formando sujeitos preparados para adentar no mundo letrado.

A prática aqui analisada demonstrou que a professora é uma pessoa bem qualificada para a série em que atua e desenvolve um ensino comprometido com a evolução dos seus alunos, o que pode ser constatado através das respostas dos mesmos, os quais em nenhum momento sentiram dificuldades em responder aos questionários, já demonstrando uma interpretação plausível com o nível escolar em que estão matriculados.

Esse é o papel da escola, permitir aos alunos oportunidades iguais de aprendizagem e realçar a importância da leitura para o desenvolvimento da cidadania e da formação crítica, transformando o espaço escolar em um ambiente de mudança e crescimento. Tarefa indissociável do fazer pedagógico.

REFERÊNCIAS

ALVES, Clarice Vaz Peres. **O processo de revisão textual na construção da textualidade através da focalização das máximas de Greice.** Dissertação de Mestrado. Universidade Católica de Pelotas. 2001.

ANTONIACOMI, Celise K. et al. **A importância da leitura nos anos iniciais.** *In:* I Seminário Internacional de Representações Sociais, Subjetividade e Educação. Curitiba: SIRSSE, 2001.

BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico, o que é como se faz.** 49ª ed. São Paulo: Loyola, 1999.

BRASIL. Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais.** Brasília: MEC/SEF, 1997.

CHAER, M. R & GUIMARÃES. E. Da G. Amorim. **A importância da oralidade: educação infantil e séries iniciais do ensino fundamental.** *In:* Revista Pergaminho. Belo Horizonte, 2012.

ENCARNAÇÃO, Márcia Regina Teixeira da.**A eficácia da leitura e da percepção daintertextualidade na produção de textos**. *In:* REVISTA LETRA MAGNA Revista Eletrônica de Divulgação Científica em Língua Portuguesa, Lingüística e Literatura - Ano 02- n.03 - 2º Semestre de 2005.

FONSECA, Keilla F. M. de. **Uma reflexão acerca do ensino da leitura nas séries iniciais do ensino fundamental.** Monografia de Conclusão de Curso. Universidade Estácio. Maringá-SP, 2011.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido.** 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

GAGLIARI, Luiz C. **Alfabetizando sem o BÁ-BÉ-BI-BO-BU** São Paulo: Scipione, 1999.

GONTIJO, Cláudia Mª Mendes. **O método de ensino da leitura e da escrita concretizado no método: lição de coisas.** *In:* Educação social. Campinas. V.32 n. 144, p. 103-120, jan-mar. 2011.

JOUVE, Vicent. **A leitura.** Tradução de Brigite Hervor. São Paulo: Unesp. 2002.

MANGNANI, Mª do Rosário. **A leitura escolarizada.** *In:* Leitura, Teoria & Prática. Ano 7, n. 11, p. 15-25. Porto Alegre: Mercado Aberto, 2001.

MATTA, S. Shemimda.**Português: linguagem e interação.** Curitiba: Bolsa Nacional do Livro, 2009.

PORTO, Márcia. **Um diálogo entre gêneros textuais.** Curitiba: Aymará, 2009.

RICARDO, Stella M. B. **Falar, ler e escrever em sala de aula.** São Paulo: Parábola, 2009.

SÁ, Sônia Mª de A. **A leitura do mundo: o processo de formação de leitores nas séries iniciais do Ensino Fundamental.** Monografia de Conclusão de Curso. Universidade Federal do Espírito Santo. São Mateus, 2011.

SILVA, C. A. **Leitura e escrita nas séries iniciais do ensino fundamental nas escolas de Olinda – PE.** *In:* Revista Interativa das Ciências Sociais. Vol. 9, n. 1 p. 57-74. Recife, 2013.

YUNES, Eliana. **Pelo avesso: a leitura e o leitor.** *In:* Revistas Letras. n. 44, p. 185-196, Curitiba: UFPR, 1995.

APÊNDICE

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAIBA – UEPB
ESPECIALIZAÇÃO EM FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO E PRÁTICAS PEDAGÓGICAS INTERDISICIPLINARES

Este questionário tem como objetivo coletar dados acerca de concepções e ensino de leitura, e visa colaborar com a pesquisa intitulada **O ESPAÇO DA LEITURA NO ENSINO FUNDAMENTAL: PERSPECTIVAS E PRÁTICAS,** da pesquisadora Maria de Jesus Dutra de Oliveira. Nesse sentido, solicitamos a colaboração no sentido de responder aos questionamentos que seguem.

ROTEIRO DE PERGUNTAS FEITAS À PROFESSORA

1 – Qual a sua concepção de leitura?

2 – Como se dá o ensino de leitura na sua sala de aula?

3 – Que critérios você utiliza para selecionar os textos que serão lidos pelos alunos?

4 – Quais as principais dificuldades que você encontra para trabalhar a leitura na turma em que trabalha?

5 – Como você faz para resolver esse problema?

6 – Como você gostaria que o ensino de português fosse?

7 – Como você planeja as aulas de leitura?

8 – Você costuma ler?

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAIBA – UEPB
ESPECIALIZAÇÃO EM FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO E PRÁTICAS PEDAGÓGICAS INTERDISICIPLINARES

Este questionário tem como objetivo coletar dados acerca de concepções e ensino de leitura, e visa colaborar com a pesquisa intitulada **O ESPAÇO DA LEITURA NO ENSINO FUNDAMENTAL: PERSPECTIVAS E PRÁTICAS,** da pesquisadora Maria de Jesus Dutra de Oliveira. Nesse sentido, solicitamos a colaboração no sentido de responder aos questionamentos que seguem.

ROTEIRO DE PERGUNTAS FEITAS AOS ALUNOS

1 – O que você tem a dizer sobre a importância de ler?

2 – Você gosta de ler?

3 – O que você costuma ler?

4 – Você gosta das aulas de português? Por quê?

5 – Você costuma ler em casa ou só na escola?

6 – Qual o livro que você leu que mais gostou? Por quê?